

ALLAH NA CIDADE DAS ETNIAS: A INSERÇÃO DO GRUPO ÉTNICO ÁRABE NA IDENTIDADE URBANA DE CRICIÚMA/SC

Michele Gonçalves Cardoso¹

Resumo: A cidade de Criciúma/SC consolidou sua identidade urbana baseada na etnicidade no período das comemorações de seu Centenário. Esta transformação identitária possibilitou a inserção de diversos grupos étnicos na identidade da urbe. Entre eles podemos destacar o grupo étnico árabe que afirmou sua presença na cidade através de uma festividade e da demarcação de um território árabe muçulmano cuja mesquita é o principal elemento.

Palavras-chave: identidade, etnicidade, cidade, cultura.

Abstract: The city of Criciúma/SC consolidated its urban identity based on ethnicity during the celebrations of its Centenary. This identity transformation allowed the insertion of various ethnic groups into the identity of the city. Among them we can highlight the Arab ethnic group who granted their presence in the city through a festivity and the demarcation of an Arab Muslim territory whose mosque is the main element.

Keywords: identity, ethnicity, city, culture.

O crescimento urbano da cidade de Criciúma teve como seu fator determinante a exploração do carvão. O mito do Eldorado atrai diversas pessoas para a cidade causando aumento demográfico. Os moradores conviviam em seu cotidiano com as características da cidade carbonífera consolidando no imaginário citadino a identidade da cidade do carvão. Em 1940 a atividade carbonífera de Criciúma bate seu recorde de produção recebendo o título de *Capital Nacional do Carvão*, fortalecendo ainda mais a identidade da cidade carbonífera.

No entanto a atividade carbonífera apresentava diversos problemas por se caracterizar como uma atividade de grande instabilidade econômica. Esse fato incitava o debate sobre a ampliação da economia criciumense. Juntamente com o debate em torno do problema econômico surge a campanha de José Pimentel, em 1955, para que fosse construído um monumento em homenagem aos imigrantes fundadores da cidade. Na visão dele, teriam sido os primeiros habitantes os responsáveis por instaurarem as bases para o progresso

¹ Graduada em História pela *UNESC*. Membro do *Grupo de Pesquisa Identitare - Investigação em Identidades e Educação*.

de Criciúma (*Tribuna Criciumense*, 1955, p.1-4). Ao valorizar os imigrantes como sendo elemento principal para a formação da cidade, a proposta em contra partida, diminuía a importância da atividade carbonífera como determinante econômico e cultural. Este texto de José Pimentel foi uma das primeiras iniciativas étnicas em Criciúma. A idéia encontrou diversos adeptos tendo sido consolidada em 1980, ano das comemorações do Centenário da cidade.

Com o Centenário, a história da cidade foi contada visando enaltecer os grupos étnicos responsáveis pela sua colonização. Contudo, percebemos que este discurso étnico não partia da iniciativa popular, mas sim, do poder público municipal. Nesse período, segundo Maria Marlene Milanez Just, a população não tinha sequer a noção do que significava a palavra etnia.² Dessa maneira, podemos analisar que o imaginário da cidade carbonífera era predominante na população e que estes não sentiam a necessidade de mudança. A construção da cidade étnica partia do poder público municipal e, também, de alguns grupos que seriam beneficiados com o aumento de seu capital simbólico.

Antes da elaboração da proposta étnica do Centenário, a história oficial de Criciúma mostrava três grupos étnicos como fundadores – italianos, alemães e poloneses –, o que fazia com que estes grupos e suas famílias tivessem mais destaque neste discurso, pois

as lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à *origem* através do *lugar* de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos (BOURDIEU, 2006, p. 113).

Dessa forma, a origem étnica tornou-se um diferencial que foi utilizado nas relações sociais na cidade, como também nas relações de poder. Este papel que a identidade étnica desempenhou para os que se beneficiaram dela também pode ser analisado de outras maneiras, pois a identidade toma vários aspectos na vida dos atores sociais. Se

² Maria Marlene Milanez Just. Entrevista concedida no dia 23 de Mar. 2007. A entrevistada foi Secretária de Educação no Município de Criciúma no período das Comemorações do Centenário, tendo participado ativamente como organizadora do evento.

há alguns anos o debate identitário estava fundamentado principalmente na identidade nacional, atualmente as identidades tomam tantos âmbitos e particularidades que responder quem somos nós hoje se tornou tarefa difícil. Vários movimentos surgiram levantando bandeiras identitárias que têm origem nas minorias que sofriam com estereótipos negativos gerando preconceito, portanto, sendo excluídas socialmente. Estes movimentos objetivavam “questionar o essencialismo da identidade e sua fixidez como algo ‘natural’, isto é, como uma categoria biológica” (SILVA, 2000, p.37). Estas pessoas se uniram com suas mais variadas características e se tornaram grupos sociais. “Os anos de 1980 foram uma década de inventividade frenética. Novas bandeiras foram costuradas e erguidas, novos manifestos elaborados, novos cartazes concebidos e impressos”(BAUMAN, 2005, p. 42). Estes movimentos surgiram para suprir uma necessidade já que

a classe não mais oferecia um seguro para reivindicações discrepantes e difusas, o descontentamento social dissolveu-se num número indefinido de ressentimentos de grupos ou categorias, cada qual procurando a sua própria âncora social. Gênero, raça e herança coloniais comuns pareceram ser os mais seguros e promissores (BAUMAN, 2005, p. 42).

A partir do surgimento desses movimentos contestatórios dos padrões da sociedade, uma única pessoa pode consolidar diversas identidades, pois pode exercer diversos papéis, como o de mulher, o de trabalhadora, de estudante, de militante político entre outros papéis sociais. Esta diversidade identitária demonstra também que as identidades não são inatas, mas sim, que vivenciamos um processo para consolidá-las.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HALL, 2005, p. 38).

Os processos de consolidação identitária são fundamentais no período das comemorações do centenário de Criciúma. A consolidação de uma identidade urbana multi-étnica para a cidade foi articulada enquanto política abrangente e inclusiva. Por isso, no período do centenário foram incluídos aos três grupos tidos como fundadores pela história oficial, outros dois grupos étnicos: portugueses e negros. O

grupo étnico português ao ser tido como um fundador busca abranger um número muito grande de moradores, os quais se consideravam “brasileiros”. Estes moradores não se identificavam com a história oficial da cidade que os excluía e enaltecia os colonizadores italianos, alemães e poloneses. Portanto, acrescentar na história oficial da cidade, no período em que a mesma é recontada, negros e portugueses dá mais visibilidade a estes cidadãos aumentando seu sentimento de pertença a cidade. No entanto, para que o aparecimento público de todos os cinco grupos ocorresse diversas pesquisas foram realizadas buscando legitimar e dar cientificidade a história que estava sendo contada. Os grupos tiveram que se consolidar com elementos pertencentes ao próprio grupo como também elementos de fora. Dessa forma, o trabalho teve que contar com as características externas, cunhadas por outros grupos.

De fato, definições exógenas e endógenas não podem ser analiticamente separadas porque estão em uma relação de oposição dialética. Elas raramente são congruentes mas necessariamente ligadas entre si, um grupo não pode ignorar o modo pelo qual os não-membros o categorizam e, na maioria dos casos, o modo como ele próprio se define só tem sentido em referência com essa exo-definição (POUTIGNAT, 1998, p. 143).

Após este momento de definições dos grupos étnicos, Criciúma pode realizar seu aparecimento público no ano de seu centenário para todo o estado catarinense colocando-se como a cidade das etnias.

Identidades em Santa Catarina

A construção da identidade catarinense também esteve vinculada a etnicidade. Um dos momentos fundamentais de discussão da identidade estadual, tendo por base a etnicidade, ocorreu em 1948 no *Primeiro Congresso de História Catarinense*, “o Congresso comemorativo do segundo centenário da colonização açoriana teve por objetivo ‘resgatar o importantíssimo papel do açoriano na colonização de Santa Catarina’” (FLORES, 1997, p.114). O estado catarinense estava forjando sua identidade no elemento açoriano, sendo importante nesse período ressaltar as preocupações com a afirmação da nacionalidade no contexto da segunda grande guerra. Portanto, o açoriano – legítimo homem do litoral deveria ser exaltado como o verdadeiro catarinense.

Nesses processos de consolidação e difusão da identidade catarinense, podemos também destacar o papel do *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, pois

É no interior do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina que se forjam os discursos sobre a identidade catarinense, publicizando-os através da imprensa, da realização de eventos nas instituições de ensino superior do Estado de Santa Catarina, publicação de livros e elaboração de dissertação, cujo objeto é perceber nas obras a preocupação dos autores com a identidade catarinense (SERPA, 1996, p. 68).

Mesmo se utilizando de diversos veículos para sua divulgação a identidade catarinense forjada no elemento açoriano foi perdendo forças através dos anos. Uma nova identidade foi formulada no primeiro governo de Esperidião Amim com o “Projeto de Identidade Catarinense”. O cerne desta proposta seria a valorização do jagunço morador do Oeste, fazendo remeter à Guerra do Contestado. A proposta visava consolidar a identidade catarinense na bravura e coragem do homem oestino. Entretanto, esta representação não teve grande adesão e logo seria substituída. A oportunidade para esta mudança ocorreu com as enchentes em Blumenau em 1983 e 1984,

O jagunço, tão enaltecido através do Projeto de Identidade Catarinense, de repente é esquecido. Em seu lugar, se enaltece o descendente de alemães do Vale do Itajaí. O fato desta região ter sido a mais atingida pelas enchentes e de abrigar importante parque industrial do estado, teve influência significativa nesta inversão de valores na representação do estado (FROTSCHER, 1998, p.33).

A transformação identitária catarinense se oportuniza das enchentes para colocar o jagunço de lado e enaltecer a etnicidade do Vale do Itajaí. Aproveitando o aparecimento público que a notícia da catástrofe causa, Santa Catarina vai ser difundida como um estado laborioso, conceito atrelado à etnicidade alemã:

O trabalho passa a ser o elemento fundamental na campanha de reconstrução. A representação feita do blumenauense como ‘laborioso, solidário’, transpõe o universo citadino para aqui também representar o catarinense em geral (FROTSCHER, 1998, p.33).

A partir da difusão desse discurso, Santa Catarina consolida sua identidade na noção étnica. No entanto, somente um grupo étnico

ganha destaque, o alemão, que neste momento representa o discurso do trabalho que se estende por todo o estado. Com esta identidade centrada na etnicidade, o estado catarinense passa a ser conhecido como um “pedacinho da Europa no sul do país”.

Nasce a Festa das Etnias - Quermesse de Tradição e Cultura

As comemorações do Centenário de Criciúma se encerraram em 1981, e com o término das festividades, alguns grupos étnicos se consolidaram em Associações. Esses grupos e Associações deveriam, pelo menos uma vez por ano, encontrar-se e continuar a manutenção de seus trabalhos. Pensando dessa maneira, em 1989 o prefeito Altair Guidi – prefeito do período do centenário – retorna à administração municipal e juntamente com outras pessoas que haviam participado de sua administração anterior decidem por criar uma festa. É nesse contexto que surge a *Quermesse de Tradição e Cultura*. Ao discorrer sobre a criação da Festa, Maria Marlene Milanez Just relata que ela seria um laço de continuidade do centenário, que manteria a mesma proposta identitária “porque um povo sem identidade, um povo que não tem cultura, um povo que não conhece a sua origem, não tem identidade nenhuma”³. Portanto, para que a identidade que se constituiu no Centenário continuasse dando suporte para as novas gerações, surge a *Quermesse de Tradição e Cultura*, que anualmente irá consolidar a identidade da Criciúma multi-étnica.

A criação de uma festa em Criciúma esta inserida no contexto estadual. Como já explicitado, anteriormente, diversas foram as iniciativas identitárias em Santa Catarina, tendo no início da década de 80 a consolidação identitária baseada na etnicidade alemã. Contudo, o estado passa a ampliar a sua noção étnica colocando-se como um mosaico cultural e apostando na diversidade de suas colonizações. Dessa forma, surgem diversas festividades em municípios ou regiões em que a valorização de seus colonizadores se apresenta como proposta das festividades. As festas do Vale do Itajaí são as de maior representatividade neste momento. Estas festas, como a *Oktoberfest* e a *Marejada*, buscam valorizar e “resgatar” a cultura tida como típica de cada região.

³ Maria Marlene Milanez Just, entrevista concedida no dia 23 de mar. 2007.

As festas e eventos culturais, mesmo como criações recentes, têm um papel importante na vida local. Possibilitam a dinamização das atividades econômicas, além de incrementar turismo, o que leva a constantes reedições das mesmas. Através da festa (com todos os aparatos e ritualizações) funda-se um passado realizado numa narrativa mitológica. Aspecto que condiz com os interesses de quem se utiliza do redimensionamento do mercado mundial, cada vez mais voltado para as práticas do lazer e do turismo (SEVERINO, 1999, p. 49).

Analisando a *Quermesse de Tradição e Cultura* com a proposta identitária catarinense, percebemos que ela busca afirmar a identidade cricumense para todo o estado, assim como as demais festas. No entanto, enquanto as outras festas representam uma cidade e uma única etnia, a festa cricumense lança a sua identidade como multi-étnica.

Na segunda edição da festa é incluída mais uma etnia às cinco consolidadas no período do Centenário. Esta inclusão recebeu somente uma pequena nota em jornal: “como novidade este ano o evento contará com a participação do Grupo Étnico Árabe” (*Tribuna Criciumense*, 1990, p. 6). Esse foi o único comentário publicado sobre a nova etnia. Em nenhum momento se discorre sobre o porquê da entrada dessa nova etnia na Festa, pois o fato de ela não estar presente no período do centenário evidenciava que ela não era considerada, naquela ocasião, como uma das etnias formadoras da cidade. Dessa maneira, não houve nenhuma justificativa da inclusão desse grupo. O *Grupo Étnico Árabe de Criciúma* era composto por representantes de diversas nações do mundo árabe, como a Palestina, o Egito e o Líbano.

Podemos tentar entender as motivações que levaram a inserção do grupo étnico árabe na festa e também na identidade urbana cricumense. A inserção deste grupo na Quermesse pode ter sido realizada por conta do exotismo atribuído a etnia árabe. Ao ser considerado um grupo exótico este grupo traz diferenças que são fundamentais para incrementar culturalmente o município, assim como também são utilizados como um diferencial para atrair público. Esta atração diferenciada que a etnia árabe representa esta explícita, por exemplo, em sua gastronomia. A culinária do grupo apresenta pratos pouco comuns ao nosso cotidiano o que atrai diversas pessoas para o restaurante árabe. Podemos perceber a importância da culinária com esta nota sobre o grupo: “Este ano, a população vai poder conferir a

gastronomia que vem dos países árabes. Alguns bastante conhecidos, outros nem tanto, os árabes prometem conquistar o público pelo estômago” (*Jornal da XI Festa das Etnias*, 1999). Outro fator que pode ter contribuído para a inclusão desse grupo é o número de descendentes na cidade, em torno de 15 a 20 famílias, não sendo um número muito grande, mas de certa forma significativo, assim como também é significativa sua presença no comércio, pois eles são donos de algumas das lojas mais tradicionais de Criciúma.

Com algumas das motivações explicitadas sobre a inserção do grupo étnico árabe podemos perceber que a cidade busca se beneficiar deste grupo para seu aumento cultural como também para incrementar sua festividade. No entanto, o grupo étnico árabe também se utiliza de sua participação na festa para aparecer publicamente e se colocar na identidade urbana criciumense enquanto etnia formadora da Criciúma multi-étnica. Dessa forma, podemos entender como este grupo se consolida para seu aparecimento público utilizando a Quermesse como um dos veículos de difusão de sua cultura.

Para que o grupo se consolide ele deve buscar acentuar suas características para sua identificação e diferenciação com relação aos outros grupos étnicos. Podemos perceber estas características identitárias principalmente através dos materiais de propaganda da festa. Normalmente os ícones mais utilizados são aqueles que já estão presentes no imaginário ocidental, tais como imagens de odaliscas e a utilização do Narguilé. Outro símbolo de representação dos grupos étnicos presentes na *Quermesse de Tradição e Cultura* são as bandeiras representando nacionalidades. Neste contexto, o termo etnia fica contraditório na medida em que é confundido com a idéia de Estado nacional. A identificação a um grupo étnico acontece pela pertença social e não vincula o grupo a um determinado território nacional. Assim, os grupos étnicos “existem apenas pela crença subjetiva que têm seus membros de formar uma comunidade e pelo sentimento de honra social compartilhado por todos os que alimentam tal crença” (POUTIGNAT, 1998, p. 38). Sendo assim, o grupo étnico árabe enfrentou dificuldades para escolher uma bandeira a qual pudesse representar o grupo que é formado por descendentes de várias nações do mundo árabe. A bandeira da Liga Árabe chegou a ser utilizada, no entanto a bandeira Palestina foi escolhida para representar o grupo

durante várias edições da festa, não somente pelos palestinos serem maioria, mas principalmente pelo apoio da comunidade árabe a causa Palestina.

Ainda nos materiais de propaganda da festa, temos os históricos dos grupos étnicos. Nesses textos, a etnia árabe recebe somente poucas linhas, pois sua chegada na cidade está inserida nos anos de 1960 e 1970. Ao contar sobre sua chegada, um membro do grupo, Abílio Paulo, sempre é citado como primeiro imigrante. Sua chegada data 1920, porém se casou com uma das filhas do primeiro superintendente de Criciúma, ou seja, uma das famílias influentes da cidade. Esse fato faz com que esse imigrante que veio de maneira isolada sempre seja citado, aumentando dessa forma, o capital simbólico do grupo e destacando-o no cenário político e social da cidade. Mencionar esse imigrante também pode ter outro objetivo. Esse imigrante ao contrário dos outros, chegou à cidade no começo do século, isso o aproxima dos outros grupos fundadores. Colocar o primeiro árabe mais próximo dos outros grupos étnicos aumenta o seu tempo de permanência na cidade, aumentando suas contribuições e colocando sua chegada no período próximo da colonização da cidade, sendo, portanto, quase um fundador da mesma.

A *Quermesse de Tradição e Cultura* vai ganhando a cada edição mais espaço na cidade e os grupos étnicos participantes são colocados cada vez mais como fatores principais da construção da cidade tal como ela é hoje. A cidade das etnias como ficou conhecida, acrescentou ao título da festa a expressão “Festa das Etnias” no ano 2000. Em 2003 ainda acrescentou mais um grupo étnico em sua formação identitária: o espanhol. Com essa formação de sete grupos étnicos tidos como formadores, a união desses povos é vista como ponto chave da proposta identitária, já que a diversidade é explorada, mas sem esquecer que todos fazem parte de uma identidade única: a criciumense. Assim, a união desses povos formadores pode ser vista nos cartazes da festa através principalmente de seus lemas tais como: “Povos em uma só festa”⁴ ou “Celebrando a união dos povos”⁵. Dessa forma a “Festa das Etnias” se coloca na cidade como veículo de difusão identitária sendo que a sua

⁴ *Folder da Festa das Etnias* – XVI Quermesse de Tradição e Cultura 2004.

⁵ *Folder da Festa das Etnias* – XVII Quermesse de Tradição e Cultura 2005.

positividade é dada pela diversidade étnica e riqueza de contribuições que cada cultura aporta para o conjunto da cidade. Juntando lazer, turismo e cidade, a Festa das Etnias promove um conjunto de representações sobre Criciúma e seus habitantes que tem na identidade étnica o seu cimento agregador. Essa identidade é diversa, na medida em que diversos são os grupos, mas também única em vista de que se referem à mesma cidade, apresentando Criciúma como cidade das etnias (NASCIMENTO, 2006, p. 12).

A Festa das Etnias – Quermesse de Tradição e Cultura divulga os traços culturais de todos os sete grupos étnicos. No entanto, o grupo étnico árabe não se utiliza somente da festa para se inserir na identidade urbana cricumense, outras formas de divulgação são utilizadas como a *Sociedade Beneficente Muçulmana*.

A Sociedade Beneficente Muçulmana de Criciúma

Como já discutido anteriormente, o número de imigrantes, a quantidade de lojas na cidade, e a cultura tida como exótica, foram algumas das motivações que levaram o poder público municipal a incentivar a entrada deste grupo na *Quermesse* e conseqüentemente na identidade urbana da cidade. No entanto, também podemos analisar outra motivação que levou ao convite: a importância simbólica que o grupo já exercia em Criciúma.

Estas pessoas que deram origem ao grupo étnico árabe pertenciam a diversas nações do mundo árabe, sendo a maioria palestinos. Dessa forma, ao chegarem à cidade o fator que os uniu foi a religião. Foi por meio do Islamismo que esse grupo criou uma unidade, pois os muçulmanos se organizavam e faziam suas orações em conjunto. Quando os primeiros foram chegando a cidade, essas orações ocorriam no andar superior de suas lojas. Depois, segundo Jailton Fernandes Caetano, um dos membros cedeu um imóvel para que fosse realizada as orações. Este período foi considerado um dos melhores porque teria atraído muçulmanos de toda região cricumense.⁶ Nesse momento, podemos perceber que o grupo muçulmano cricumense era o foco da religiosidade islâmica da região. A organização

⁶ Jailton Fernandes Caetano. Entrevista realizada em 04 de jul. 2007. O entrevistado é até a data da entrevista presidente da *Sociedade Beneficente Muçulmana de Criciúma*.

desse grupo atraiu a participação de uma comunidade islâmica que ultrapassava as fronteiras cidadinas. Com esta organização, a comunidade decidiu criar, a exemplo de outras comunidades, uma Sociedade Beneficente. Estas Sociedades e Clubes “podem ser vistos como resultado de esforços comuns e nada consensuais para a inscrição de uma coletividade em um determinado local, expressando sua participação e pleitando algum poder nas relações locais” (JARDIM, 2000, p 202). Oswaldo Truzzi analisa a criação de instituições islâmicas em São Paulo fundadas, principalmente, pelos grupos sírio e libanês. Ele discorre que estes grupos tinham uma divisão interna muito forte marcada por disputas regionais dos lugares de onde provinham e que isso fez com que a unidade entre esses eles não existisse. Dessa forma, esses grupos criaram um grande número de instituições distintas acirrando ainda mais esta segregação (TRUZZI, 1991, p. 13-15). Denise Fagundes Jardim também analisa as disputas vivenciadas por comunidades árabes na região de Chuí no Rio Grande do Sul. A autora destaca que nessa cidade a comunidade palestina assume uma postura hierarquicamente superior em relação aos demais grupos. Ao formarem a Sociedade Beneficente os palestinos ganharam maior representatividade na cidade (JARDIM, 2000, p. 211).

Ao que podemos perceber em Criciúma a situação se apresenta de maneira oposta. Os representantes da cultura árabe decidiram que a unidade seria mais produtiva na medida em que teriam mais força e representatividade na cidade. A *Sociedade Beneficente Muçulmana de Criciúma (SBMC)* foi um elo agregador e não uma instituição de demonstração de poder entre comunidades rivais. A *SBMC* surgiu em 06 de Outubro de 1983, portanto muito antes da *Quermesse de Tradição e Cultura*, sendo ela a entidade organizadora das participações da etnia árabe na *Quermesse* durante muitos anos. Essa situação mudou no momento em que muçulmanos e árabes começaram a se confundir, pois árabes não muçulmanos participavam da festa através da *Sociedade Beneficente Muçulmana*. Este fato levou a separação das instituições *SBMC* e *Grupo Étnico Árabe*, um responsável somente pelo trabalho religioso e outro sendo responsável somente pelas participações na festa.

Os muçulmanos presentes em Criciúma objetivavam ao criar a *Sociedade Beneficente Muçulmana*, construir uma mesquita na cidade. Contudo sua construção começa a ser vislumbrada de fato, a partir da

entrada do *Grupo Étnico Árabe na Festa das Etnias – Quermesse de Tradição e Cultura*. Isso pode ser evidenciado pelo maior acúmulo de capital que a festa oferecia já que foi a partir dela, que o grupo pode adquirir o terreno, juntando o capital da festa com as doações. Segundo Munif Omar a princípio foram somente os muçulmanos criciumenses os responsáveis pelas doações para a construção da mesquita.⁷ Depois os comerciantes muçulmanos de Criciúma receberam também ajuda externa. A comunidade islâmica da região sul fazia doações, assim como algumas embaixadas árabes. A comunidade do Rio Grande do Sul também contribuiu, no entanto o grupo muçulmano de Criciúma atribui os maiores esforços ao *Grupo Étnico Árabe* e a *Sociedade Beneficente Muçulmana de Criciúma*.

A construção da mesquita tem seu fim em 22 de março de 2000. Ao ser inaugurada a mesquita ainda não estava totalmente pronta, mas já recebia os fiéis para as orações, recebendo até mesmo alguns grupos de peregrinos vindos da França, sul da Arábia e Palestina. (*Jornal da Manhã*, 2000, p. 3). Com a construção desta mesquita o estado catarinense passou a possuir duas mesquitas: uma em Lages e a outra em Criciúma. Portanto a construção da mesquita na cidade não é apenas fundamental para a comunidade muçulmana como também coloca Criciúma como foco da religiosidade islâmica. Essa religiosidade abarca todo o sul do estado catarinense e não somente ele, já que o estado vizinho Rio Grande do Sul não possui nenhuma mesquita. Nestas condições, Criciúma passa a ser o centro da religiosidade islâmica do sul do Brasil.

O local escolhido para a construção do templo também merece uma análise. O terreno comprado pelo grupo muçulmano fica situado ao lado do *Paço Municipal* criciumense. O *Paço Municipal* é um espaço em que ficam situadas a Prefeitura Municipal, o Teatro, a Biblioteca e o Ginásio municipais. Este espaço foi construído no período das comemorações do centenário da cidade sendo erguido neste mesmo lugar um monumento em homenagem aos grupos fundadores de Criciúma. Dessa forma podemos entender este espaço como sendo um território do centenário. Nesse sentido, podemos analisar que o *Paço*

⁷ Entrevista com Munif Omar. Entrevista concedida no dia 30 de jul. 2007. O entrevistado é Palestino e mora em Criciúma há 16 anos, é dono de um comércio no centro da cidade.

Municipal, é o território em que a transformação identitária ganhou corpo. É neste local que estão consolidados os maiores marcadores identitários da Criciúma multi-étnica. A própria *Festa das Etnias*, durante vários anos foi realizada neste espaço.

Ao pensarmos na idéia de território, não estamos apenas delimitando um espaço geográfico. Este conceito de território que está sendo utilizado aplica como demarcador de suas fronteiras as relações de poder. Território “é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder.” (SOUZA, 2003, p. 78). Dessa maneira, para esse conceito não é prioritária a manutenção de um território pelas suas características naturais, ou a produção que possa ser extraída nele. O que interessa nesse caso é a manutenção do território através do exercício do poder que um determinado grupo irá exercer neste local. Ao discorrer sobre poder, Marcelo de Souza cita Hannah Arendt,

O ‘poder’ corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está ‘no poder’ estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome (SOUZA, 2003, p. 80).

Um grupo irá fazer seu exercício de poder com outros grupos, e nesse exercício irá consolidar seu espaço e manter as características que irão diferenciá-los. Esse território poderá estar sendo disputado e trocando de dominadores muito rapidamente. Dessa forma, ele irá se apresentar de forma instável e com duração até mesmo efêmera, dependendo do caso.

Ao ser explicitado o conceito de território que será utilizado nessa análise, podemos perceber mais claramente como o *Paço Municipal de Criciúma* se apresenta como um território do centenário. Do mesmo modo, também podemos analisar que o grupo árabe-muçulmano⁸ também consolida seu território. Isso fica explícito não só pela presença da mesquita, mas também pelo nome da rua em que

⁸ A utilização da nomenclatura árabe-muçulmano coloca o território não pertencente somente aos muçulmanos, mas também como representante da cultura árabe em geral, e da própria causa palestina, que é apoiada por muçulmanos ou não muçulmanos.

ela fica situada: Rua Palestina. A pequena praça que fica situada em frente à mesquita – praça pública – também recebe a nomenclatura sugerida pelo grupo árabe: Praça Jerusalém. Sendo assim, o grupo árabe-muçulmano delimita um espaço na cidade de Criciúma e coloca como seu território, um local em que a cultura árabe domina e ganha representatividade na cidade. O território também se apresenta como privilegiado na medida em que fica situado ao lado do poder público municipal. A própria escolha do local pode demonstrar certo desejo do grupo de ser incluído, de estar interagindo com a cidade. O território árabe-muçulmano, em Criciúma, tem como característica dominante a religiosidade, diferente de outros territórios árabe-muçulmanos que se instalaram pelo país. Em cidades como São Paulo ou no Chuí esses territórios são comerciais. Esse território árabe-muçulmano presente em Criciúma, não consolida somente uma relação de poder e a inclusão da cultura árabe em Criciúma. Esse território marca, além de tudo isso, maior representatividade aos palestinos. A causa palestina ganha ainda mais abrangência, pois as nomenclaturas da rua e da própria mesquita são menção de apoio. Mesmo não sendo todos os árabes de Criciúma palestinos, a demonstração de apoio a causa Palestina se torna um objetivo claro.

Considerações finais

Ao concluirmos este trabalho, podemos perceber como as representações estão presentes nos discursos, seja do poder público ou de um determinado grupo. O espaço citadino pode ser palco de diversas transformações desempenhadas por vários atores sociais que agem conforme seus interesses. Nesse sentido, podemos perceber como a identidade da cidade de Criciúma desenvolveu seu processo de transformação, no qual a identidade já consolidada de cidade carbonífera não atendia mais aos interesses do poder público municipal e de alguns grupos. A mudança veio colocar em debate público outro modo de ver Criciúma, colocando como eixo direcionador as etnias que teriam fundado a cidade. O centenário de Criciúma se apresenta como o momento chave para o aparecimento público desta nova identidade.

Ao analisarmos este processo de mudança identitária, podemos ter num primeiro momento a impressão que essas transformações ocorrem de maneira simples, sem resistências ou questionamentos. No

entanto, estas transformações são complexas e muito bem articuladas. Assim, uma das maneiras de conseguir a aceitação de uma nova proposta identitária, seria relacioná-la com elementos que conhecidos e que tenham relação com o cotidiano em que a proposta será inserida. Dessa maneira, apesar da transformação identitária cricumense, voltada à etnicidade, ser uma novidade para a grande maioria da população, essa realidade era vivida por uma minoria, e isto se apresenta como um fator fundamental para que ela pudesse se consolidar. Hobsbawm nos aponta que algumas tradições, que vão muitas vezes buscar dar legitimidade a uma determinada identidade, são inventadas. Contudo, esta invenção não surge do nada, mas sim, é baseada em traços e elementos já existentes para que aja aceitação e identificação.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, 1997, p. 9).

Com a consolidação da cidade multi-étnica realizada na cidade, esta identidade atrai para o contexto identitário da urbe outros grupos étnicos que haviam ficado de fora no momento do centenário. Estes grupos realizam pesquisas e buscam perceber elementos e características que possam identificá-los. Este processo de consolidação ocorre, porque os membros dos grupos não possuem características essencialistas ou primordiais, ou seja,

a identidade social, ou de uma de suas variantes, a identidade étnica, não são coisas dadas. Não são algo peculiar a um grupo social porque ele é naturalmente assim. Ao contrário, são construções, são realizações coletivas motivadas, impostas por alguma ou algumas razões externas ou internas ao grupo, mas sempre e inequivocamente realizadas as seu trabalho simbólico dele, em sua cultura e com a sua cultura (BRANDÃO, 1986, p. 110 – 111).

Ao se consolidar para realizar seu aparecimento público o grupo étnico árabe se utiliza da *Quermesse de Tradição e Cultura* para divulgar seus traços culturais e afirmar sua pertença a identidade urbana. Esta afirmação também ocorre através da *Sociedade Beneficente Muçulmana* tendo sua expressão máxima a construção da mesquita e a demarcação de um território árabe muçulmano na cidade. Este

território demonstra também que as relações de poder são fundamentais no debate identitário. Isso ocorre porque são através destas relações de poder que os significados são impostos estabelecendo assim as identidades.

Ao percebemos as lutas de representações e afirmações identitárias no contexto da urbe, percebemos o quanto o debate identitário se faz presente em nossa vivência, se colocando como fundamental para compreendermos nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CÔRREA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A farra do boi: palavras, sentidos ficções*. Florianópolis: EdUFSC, 1997.
- FROTSCHER, Méri. *Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano*. 1998. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- JARDIM, Denise Fagundes. *Palestinos no extremo sul do Brasil: identidade étnica e os mecanismos sociais de produção da etnicidade Chuí/RS*. 2000. 492 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- NASCIMENTO, Dorval do. *Faces da urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma/SC (1945-1980)*. 2006. 242 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

POUTIGNAT, Philippe; FENART, Jocellyne Streiff. *Teorias da etnicidade*: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SERPA, Élio Cantalício. A Identidade Catarinense nos Discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. *Revista de Ciências Humanas*. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, v. 14, n. 20, p. 63-79, 1996.

SEVERINO, José Roberto. *Itajaí e a identidade açoriana*: a maquiagem possível. Itajaí: Editora da Univali, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. *De mascates a doutores*: sírios e libaneses em São Paulo. Brasília: Editora Sumaré FAPESP, 1991.

Arquivo pesquisado:

ARQUIVO HISTÓRICO DE CRICIÚMA

Folder da Festa das Etnias – XVI Quermesse de Tradição e Cultura 2004.

Folder da Festa das Etnias – XVII Quermesse de Tradição e Cultura 2005.

Jornal da XI Festa das Etnias – Quermesse de Tradição e Cultura 1999.

Periódicos:

CRICIÚMA terá mais uma Quermesse de Tradição e Cultura. *Tribuna Criciumense*, Criciúma, 11 de jul. 1990, p. 6.

PIMENTEL, José. Monumento ao Imigrante. *Tribuna Criciumense*, Criciúma, 01 de agos. 1955, p. 1-4.

SONHO Árabe era construir a mesquita. *Jornal da Manhã*, Criciúma, 22 de mar. 2000, p. 3.

Fontes Orais:

Jailton Fernandes Caetano.

Maria Marlene Milanez Just.

Munif Omar.

Artigo recebido em abril de 2008 e aceito para publicação em outubro de 2008.